

Incursões no Mundo da Morfologia

Sérgio Sapucahy

1.1. Da Palavra ao Vocabulo Formal

Quando nosso objetivo é saber e não apenas conhecer, impõe-se o rigor científico. Ora, falamos e escrevemos, hoje e sempre, palavras, do que se conclui que sabemos o que é palavra. Essa tese, entretanto, cai por terra no momento em que, iniciando um estudo sistemático e mais rigoroso da Morfologia do Português, sentimos a necessidade de definir palavra por considerá-la, inicialmente, a matéria prima desse estudo.

Que é palavra?

Se considerarmos a língua escrita, parece não haver dificuldade, visto que somos todos capazes de identificá-la. Em "Gosto de você", sem pestanejar, afirmamos a existência de três palavras. Essa certeza advém do conhecimento de que, ao escrevermos, separamos as palavras por espaço em branco. Como a todas seqüências intervaladas de letras atribuímos sentido, chegamos a uma resposta bem razoável para a pergunta proposta: palavra é uma seqüência de letras com sentido.

Tudo muda, porém, se considerarmos a língua oral. Ao falarmos "Gosto de você", observamos que não coincidem as seqüências de letras com as de fonemas: [gostu dí você]. Em vez de três, como na escrita, são apenas duas as seqüências; não há coincidência entre os intervalos da escrita e os da fala. Sequer podemos dar uma resposta razoável, como fizemos para a escrita, porque as seqüências sonoras podem acumular sentidos.

As duas situações mostram que não conseguimos, pelo menos, delimitar palavra. Na escrita e na fala, alcançamos resultados diferentes.

É preciso, portanto, aprofundar a questão, buscando construir nosso saber pelo de outrem.

Muitos estudiosos já se debruçaram sobre a questão. Vejamos o que ensina LOPES, 1995, 166:

"É difícil definir com precisão o conceito de palavra (...). Isso se dá porque a palavra não é autônoma do ponto de vista semântico, nem do ponto de vista fonético - fonológico, nem do ponto de vista morfossintático."

1. Do ponto de vista fonético - fonológico: já visto neste texto.

2. Do ponto de vista morfossintático: Bloomfield, lingüista norte-americano, definiu palavra de acordo com o critério da autonomia sintática. Para ele palavra é uma forma livre mínima capaz de, por si só, constituir enunciado. Assim, em "Menino estuda Português" temos três palavras: Quem estuda? Menino; Faz o quê? Estuda; Estuda o quê? Português.

Já os constituintes menino, o, estud, a, Portug, ês,

Bloomfield chama de formas presas. Observamos que, segundo essa concepção, diversos termos que se articulam com nomes e verbos ficam de fora (artigos, pronomes, preposições...)

3. Do ponto de vista semântico: palavras são os termos providos de significação externa, concentrada no radical. Assim, palavras seriam os nomes (substantivos, adjetivos e advérbios nominais) e os verbos (MATTOSO, 1968, 272). Estreita é a ligação dessa concepção com aquela de Bloomfield, entretanto Mattoso não exclui os artigos, pronomes... considera-os formas dependentes e arrola-os entre as palavras.

4. Do ponto de vista da inseparabilidade: palavras "são entidades que não se deixam separar, sob pena de dissolução do conjunto". Assim, por exemplo, são palavras os conjuntos compostos guarda-chuva, arco-íris, pé-de-moleque, máquina de escrever e os complexos Deus nos acuda, um não sei o quê.

Contra esse ponto de vista, podem-se apresentar, em nossa língua, as ocorrências eu te amarei / amar-te-ei.

Conclui Edward Lopes que todos os critérios são insatisfatórios e opta pela definição de Bernard Pottier: "é palavra qualquer unidade mínima construída e é lexia qualquer unidade lexical memorizada".

Concluimos nós que o termo palavra é insuficiente, ainda que o continuemos usando para definir a matéria prima da morfologia. É preciso, pois, prosseguir.

Atendo-se ao sentido literal da morfologia, chegamos a forma, estudo da forma. Podemos, então, estabelecer, de imediato, uma ligação com o que já vimos: forma livre (Bloomfield), forma presa (Bloomfield), forma dependente (Mattoso) - as unidades formais da língua.

Forma livre - seqüência que, isoladamente, pode funcionar como enunciado.

Forma presa - seqüências existentes no interior das palavras, ligadas a outras.

Forma dependente - seqüências externas às livres, funcionam articuladas a estas e não constituem isoladamente enunciados.

E o que geram essas formas? O vocabulo formal ou morfológico (KOCH e SILVA, 1995, 19). "A unidade a que se chega, quando não é possível a divisão em duas ou mais formas livres ou dependentes" (Mattoso, 1968). E podemos descrever esse vocabulo formal unitário como constituído por:

- uma forma livre mínima - flor, pé, feliz, livro
- uma forma livre mínima e forma (s) presa (s) - florista, pezinho, felizes

- somente formas presas - cas-a, leit-e, loj-ista
- forma dependente - de, por...
- forma dependente e forma (s) presa (s) - uns, umas...

Se o vocábulo formal não for unitário, temos:

- duas formas livres mínimas - flor-de lis, couve-flor...

A descrição acima mostra que o vocábulo formal pode ser indivisível (mar) ou divisível (mares). O vocábulo formal é uma estrutura mórfica ou morfológica, ou seja o objeto da morfologia.

1.2. A Estrutura e os Constituintes do Vocábulo Formal

Sem desprezar nosso conhecimento acerca do termo palavra, privilegiamos a expressão “vocábulo formal” neste estudo em que se coloca um olhar mais atento sobre a construção de palavras como objetivo a alcançar.

Assim, partindo do vocábulo formal, unitário ou não, chegamos à abstração da estrutura mórfica, esta, sim, um conhecimento inerente a todos os usuários, mesmo que latente para a maioria.

Comprova-se, facilmente, essa afirmação quando se ouve “gatoso” na linguagem juvenil, “malufou” na crônica política diária, “sem-terra”, “sem-teto” e similares. Nesses exemplos, não dicionarizados, percebe-se a presença da estrutura mórfica e de seus constituintes na criação de palavras novas que dão conta de eventuais necessidades semânticas.

Descrever essa estrutura, conhecer seus constituintes, observar sua constante ativação pelos falantes faz parte do trabalho do professor de linguagem em qualquer segmento de atuação, do pré-escolar à universidade. Isso significa pensar na língua como um sistema, uma rede de associações ou estrutura construída por meio de correlações e oposições, propriedades presentes em todas as realizações da linguagem verbal.

Por exemplo, em “sem-terra”, a preposição criando a expectativa do substantivo ou pronome substantivado; a oposição latente entre sem e com; a composição em oposição à derivação; a hifenização, sinalizando a unidade significativa, em oposição à significação das partes; a correlação metonímica entre a parte e o todo; a subordinação em oposição à coordenação.

Assim, a estrutura do vocábulo formal é, inicialmente, a combinação entre as formas livres, presas ou dependentes. Mas é, sobretudo, a possibilidade de combinações entre unidades mínimas significativas que, com existência autônoma ou não, formam os vocábulos.

Essa idéia de combinação que nos remete à sintaxe, remete-nos, também, à morfologia, aliás partes da gramática sempre de braços dados e cuja separação se justifica apenas por razões didáticas.

É a análise do vocábulo que nos permite chegar tanto às formas livres, presas ou dependentes como às unidades mínimas significativas que preenchem a estrutura do

vocábulo formal. É do lingüista francês André Martinet a constatação de que a linguagem humana se organiza por meio de uma DUPLA ARTICULAÇÃO. Na primeira articulação, todo enunciado divide-se linearmente em unidades significativas: frases, vocábulos e morfemas. Nessa seqüência, a unidade mínima significativa é o morfema. Na segunda articulação, cada morfema se divide em unidades menores desprovidas de significado. O fim dessa divisão revela a unidade mínima sonora do vocábulo, o fonema, cujo caráter distintivo realiza o prodígio de, sendo um conjunto finito, limitado a poucos sons (7 vogais em posição tônica, 2 semivogais e 18 consoantes em Português), produzir um conjunto “infinito” de vocábulos.

Tem-se, portanto, no morfema o constituinte unitário da estrutura mórfica dos vocábulos. É o reconhecimento da existência dele que possibilita à jovem acrescentar “gatoso” ao repertório oficial: carinhoso, orgulhoso, vaidoso, rigoroso, teimoso... Ou seja, a jovem ativou o morfema “oso” para expressar sua admiração pela aparência de seu namorado. Do mesmo modo, a imprensa ativou determinados morfemas para, pejorativamente, criar o verbo malufar, com o sentido de passar para o lado do político Paulo Maluf.

A esses morfemas chega-se por meio de uma operação chamada COMUTAÇÃO. Como o nome informa, comutar é trocar. Para realizá-la, troca-se um segmento do plano da expressão (significante) e tem-se, como resultado, uma alteração no plano do conteúdo (significado).

Por exemplo:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{gatoso} - \text{o} \\ \text{gatosa} - \text{a} \end{array} \right. \quad \left\{ \begin{array}{l} \text{gatoso} - \text{gat(o)} \\ \text{manhoso} - \text{manh(a)} \end{array} \right.$$

Como se vê, o primeiro par revela a existência de unidades identificadoras do gênero da palavra, uma categoria gramatical. O segundo par, unidades indicadoras da existência de um ser (gat - gato, gatinho, gatões, e de um atributo dos seres manh - manha). No primeiro par, os elementos depreendidos têm seu significado vinculado ao mundo das relações internas à palavra; no segundo par, ao das relações externas à palavra. Daí a grande divisão dos morfemas conforme a nomenclatura adotada por Mattoso Câmara: morfemas lexicais e morfemas gramaticais.

Outras nomenclaturas são adotadas pelos lingüistas brasileiros conforme as correntes a que se vinculam, como, por exemplo:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{Morfema} \\ \text{Semantema} \end{array} \right. \quad \text{Morfema} \quad \left\{ \begin{array}{l} \text{gramema} \\ \text{monema} \end{array} \right.$$

De acordo ainda com as lições de Mattoso Câmara, de quem vale lembrar a condição de pioneiro da Lingüística Moderna do Brasil e fonte permanente para os lingüistas contemporâneos, os morfemas podem ser classificados do ponto de vista do significado ou do significante; a lembrar claramente para nós a condição de signo lingüístico inerente

a todos os morfemas.

KOCH e SILVA, 1983, sintetizam essa classificação, considerando a existência de quatro tipos de morfemas gramaticais paralelamente a dos lexicais: classificatórios, flexionais, derivacionais e relacionais.

1 - Morfemas Classificatórios - as vogais temáticas, cuja função é a de enquadrar os vocábulos em classes de nomes (substantivo, adjetivo) e de verbos.

- Vogais temáticas Nominais - a, e, o

Ex: bol - a, red - e, bol - o

- Vogais temáticas verbais - a, e, i

Ex: compr - a - r, beb - e - r, part - i - r

Obs: radical + vogal temática = tema

Tema nominal - de baixa produtividade em Português, é produtivo e relevante em outras línguas fortemente desinenciais (latim, alemão...)

Tema verbal - de alta produtividade em Português (ama+s, ama+o, ama+mos, ama+is, ama+m)

2 - Morfemas Flexionais - flexionam ou alteram os morfemas lexicais, adaptando-os à expressão das categorias gramaticais admitida pela classe daquele. Conhecidos pelo nome de desinências.

- Desinências Nominais:

Gênero: o / a, somente para seres animados

Lob - o / lob - a

Número: Ø / s, *es

*Mattoso descreve este "e" como vogal temática suprimida no singular depois de consoante líquida ou sibilante e que reaparece no plural com desinência do plural e nos radicais de final em /l/ há perda dessa consoante com a ditongação como consequência morfofonêmica.

Ex: mar / mare+s - mares

Sal / sa+i+s - sais

Para outros autores, trata-se de uma variante posicional da desinência, uma alomorfia condicionada.

Para outros, ainda, trata-se de uma segunda desinência, indicadora do plural.

- Desinências Verbais:

Número - Pessoais

P1 - Ø, *o, *i (semivocálico)

P2 - s, *Ø, *ste

P3 - Ø, *u (semivocálico)

P4 - mos

P5 - is, *stes, *des, *i (semivocálico)

P6 - m, *o (semivocálico)

* Conforme KOCH e SILVA, são alomorfes

Modo - Temporais

Id Pr - Ø

Id Pt1 - va, *ve (CI), ia, *ie (CII e CIII)

Id Pt2 - ra (depreensível apenas em P6)

Id Pt3 - ra, *re (átomos)

Id Ft1 - ra, *re (tônicos)

Id Ft2 - ria, *rie

Sb Pr - e (CI), a (CII e CIII)

Sb Pt - sse

Sb Fut - r

lfl - r

Gr - ndo

Pa - do

* - alomorfes

2.1 - Tipos de Morfemas Flexionais

a) Aditivos - os mais produtivos, resultam do acréscimo de um ou mais fonemas ao morfema lexical. Muitas vezes são cumulativos (modo - temporal...)

Ex: Canta + ria + s, bola + s

b) Subtrativos - resultam da supressão de um segmento fônico do morfema lexical.

Ex: irmão - irmã

c) Alternativos - resultam da alternância ou permuta de um fonema no interior do vocábulo. São de natureza redundante na maioria dos casos

Ex: avô - avó /ð/ x /ó/

formoso - formosa /ð/ x /ó/ - redundante

posto - postos /ð/ x /ó/ - redundante

d) Zero - resulta da ausência de marca para expressar determinada categoria gramatical, como é o caso do singular dos nomes. Só ocorre quando há oposição, no mesmo morfema lexical, com a presença do morfema.

Ex: loja - lojas Ø x s

fala - falava Ø x va

falas - fala s x Ø

e) Latente - também tido como alomorfe Ø, caracteriza-se por não trazer em si mesmo o contraste entre as categorias gramaticais. Latente porque o significado revela-se no contexto.

Ex: o lápis - os lápis

o artista - a artista

3 - Derivacionais

• Conhecidos por afixos (prefixos e sufixos), criam novas palavras na língua a partir do morfema lexical.

De bol - a, tem-se bol - ada, bol - eiro, bol - inha...

• Não obedecem, como os flexionais, a uma sistematização obrigatória.

cantar / cantarolar

falar /* falarolar

gritar /* gritarolar

* apenas virtual

• Presença de idiosincrasias ao lado de regularidades: nem todos os verbos portugueses apresentam nomes deles derivados e quando há derivação, os processos são variados.

consolar / consolo

julgar / julgamento

• Nem todos os substantivos portugueses têm um

diminutivo correspondente e os que existem podem ser utilizados, numa determinada frase, de acordo com a vontade do falante.

O resultado da derivação é um novo vocábulo, ao contrário da flexão que gera formas de mesmo vocábulo.

4 - Relacionais ou de Posição

Expressão da concatenação dos morfemas lexicais entre si. Remete à noção de ordem no enunciado, situando-se no campo da sintaxe.

Ex: sujeito + verbo + objeto

Pedro ouve Paulo

Paulo ouve Pedro

A posição 1 define, na ordem direta, o sujeito e a posição 2, o objeto.

Pouco estudada, a posição expõe, entretanto, questões relevantes na língua, além de ampliar, enriquecendo, as possibilidades da enunciação, como no exemplo de Machado de Assis, em Brás Cubas.

“... eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor.”

Afora esses tipos dos morfemas, existe, ainda, um tipo de morfema de produtividade baixa em português, aplicável na formação de palavras, constituindo mesmo um processo de formação: o morfema reduplicativo.

Ex: O “nhenhém” do presidente Fernando Henrique.

Do que se viu, podemos expor, agora, o padrão geral da estrutura mórfica dos nomes e verbos em Português.

Nomes

* Base + Afixo

* Base + Base

* Base, tradicionalmente chamada de radical, ao qual se agrega ou não uma vogal temática (tema ou palavra atemática).

Obs: Palavra atemática, constituída apenas pelo radical. Em Português, as palavras terminadas em consoante e vogais tônicas

Ex: mar, café...

Verbo

Radical + Vogal Temática + Desinência Modo Temporal

+ Desinência

Número - Pessoal

R + VT + DMT + DNP

Bibliografia Consultada

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. Dicionário de Filologia e Gramática. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1968.

KOCH, Ingedore Villaça e SILVA, Maria Cecília de Souza. Língua Aplicada ao Ensino do Português: Morfologia. São Paulo, Cortez, 1995.

LOPES, Edward. Fundamentos da Língua Contemporânea. São Paulo Cultrix, 1995.

KOCH, Ingedore e SOUZA e Silva, Maria Cecília. Língua Aplicada ao Português. São Paulo, Cortez, 1995, 8ª ed.

LOPES, Edward. Fundamentos da Língua Contemporânea. São Paulo, Cultrix, 1995, 14ª ed.

KEDHI, Walter. Morfemas do Português. São Paulo, Ática.